



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*Notas á margem do 13.º volume do «Dictionario Bibliographico»*, por Pinheiro Chagas.—*Lamartine*, por Nautilus.—*D'um poema intimo*, versos, por Antonio Fogaça.—*Um remorso*, conto, por Chambeau.—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato.—*As nossas gravuras*.—*Em familia (Passatemplos)*.—*A riv.*—*Um conselho por semana*.—*A rosa escarlate*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Antonio Feliciano de Castilho*.— *Custodia dos Anjos e as duas raparigas por ella salvas*.—*É um mandrião!*...—*Serpa Pinto e Augusto Cardoso*.—*Egreja matriz da Gollegã*.

CHRONICA

Temos mais uma *condecorada*.

D'esta vez, porém, não se condecorou a imbecilidade, representada na pessoa d'um mercieiro endinheirado ou d'um retratista amator vulgar. A politica não teve de envolver-se no caso, entretida como anda em discutir a dictadura e a reforma administrativa ainda embryonarias, em fazer estafar os escrivães de fazenda n'uma contradança vertiginosa, e em untar d'azeite as engrenagens pèrras do velho machinismo eleitoral.

Excepcionalmente—é bem que o digamos—d'esta vez não se foi buscar um tolo para ser applicado á venera; procurou-se venera condigna para ga-



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

lardoar o merito real d'uma individualidade sympathica e prestante.

O cofre das graças, ha tanto tempo escancarado em proveito d'uma legião enorme de candidatos a commendadores, cavalleiros e gran-cruzes, apenas recommendaveis. na sua maior parte, pela inopia completa de titulos á munificencia regia, deitou emfim, cá para fóra, uma simples medalha, muito mais simples que todas as outras, e por isso mesmo, talvez, muito mais honrosa, que assenta bem no peito onde a pregaram, sem provocar a gargalhada dos que andam affeitos a ver galardoar os inuteis d'esta nobre terra portugueza.

Em boa verdade, achamos que é já tempo de fechar o tal cofre inexaurível, e fechar-se-ia elle com chave de oiro, se os seus clavicularios, tão prodigos na distribuição de commendas e cruzes, pozessem como remate a esta prodigalidade assombrosa a singela medalha humanitaria lançada sobre as singelissimas roupinhas de Custodia dos Anjos.

E' da sympatica rapariga da Gollegã, ha dias condecorada no Colyseo, que vimos fallar.

Estão, de certo, lembrados, porque a narrativa do facto andou, durante semanas, fazendo o gyro das gazetas do paiz, a correr de terra em terra e de bocca em bocca. Custodia dos Anjos, uma pequenita de doze annos, rude e boa, franzina mas valente, salvou duas companheiras dos seus brinquedos infantis, creanças como ella, que luctavam com a morte nas aguas lodosas e esverdeadas d'um charco, perdida já toda a esperança de voltarem a pôr pé em terreno enxuto e firme.

Como foi que a valorosa rapariguinha fez o milagre, em que circumstancias se operou elle, de que recursos teve de valer-se para restituir á vida, sans e escorreitas, as suas pequeninas conterrancas meio asphixiadas, não o sabemos nós ao certo. E', porém, fóra de duvida que Custodia dos Anjos teve artes, valor, forças, abnegação e denodo para salvar duas existencias; está mais que provado isso, é coisa indiscutível, authentica e asentada. Não veio affirmal-o a politica sertaneja, como se se tratasse de premiar um galopim eleitoral qualquer, sabido em escamoteações de votos e empalmação de cadernos de recenseamento. Não o disseram meia duzia de pessoas isoladas, em guiza de reclamo, para armar ao effeito. As beatas e as bruxas não tiveram a menor interferencia no successo. O estranho facto deu-se; foi real e positivo; certifica-o uma povoação inteira. Houve, acaso, influencia bembazeja do nome da pequena:—Custodia?... Influidia, porventura, no acontecimento, o seu appellido harmoniosamente celestial:—dos Anjos? Quem sabe...

Realisada aquella façanha extraordinaria em idade tão curta, a juvenil heroína da Gollegã, até então obscura e humilima, passou logo a ser o alvo de todas as caricias alemtejanas, o foco para onde convergiam os olhares do paiz inteiro, a grande attracção dos philantropicos, o mote obrigado dos serões provincianos, um maná celeste cahido inesperadamente sobre o tinteiro dos chronistas sem assumpto.

Não apparecem todos os dias phenomenos d'aquelles. Ha, por esse mundo, muito quem mate, mas muito pouco quem salve. A moeda da abnegação acabou o seu gyro, como os patacos d'el-rei D. João VI; e se alguma apparece, de longe em longe, é cotada n'um valor extraordinario.

Heroínas afamadas, pelas suas tendencias para darem cabo do proximo, houve-as em todos os tempos, dil-o a historia; mas heroínas do bem, creaturas angelicas que ponham em baixo preço a sua propria vida para salvar a vida dos outros, só nos lembramos de duas,

collocadas nos extremos da escala social: a primeira assenta-se sob o docel d'um throno; a segunda abriu os olhos á luz viva dos campos do Alemtejo, sob o tecto de colmo d'uma barraquita humilde:—é Custodia dos Anjos. Ambas ellas, rainha e aldeã, praticaram o mesmo feito; a mesma medalha honrosa pende dos seus hombros. E' que os extremos tocam-se. E' que o egoismo do seculo, embora se affirme o contrario, não contaminou ainda o coração de reis e principes, como a depravação dos nossos costumes não conseguiu ainda arrancar da alma do povo tudo quanto ali existe de generoso e bom.

Comprehendemos que a heroicidade da pequenina Custodia tivesse agitado o paiz, de norte a sul, n'uma forte convulsão de enthusiasmo, n'uma intensa e vibrante manifestação de sympathia. Esse enthusiasmo tocounos, partilhámos d'elle.

Ainda não conheciamos a creança prodigio, não a viramos ainda no Colyseo, passar de collo em collo e de mãos em mãos, por entre flores e caricias, até receber o premio da sua philantropia, e já lhe admiravamos o valor, e já lhe tinhamos talvez—porque não havemos de confessal-o?—consagrado uma lagrima symbolica de todas as ternuras, mixto de todas as adorações, synthese de todos os affectos mais santos.

Quando se declina na velhice, estes feitos estranhos e assombrosos, que teem por heroes as creancinhas boas, impressionam duplamente, chegam mais á alma, fazem de nós uns piegas ridiculos para aquelles que só veem nas lagrimas a manifestação d'uma fraqueza senil, e nunca o trasbordamento naturalissimo, a evidenciação necessaria do que nos vae cá por dentro e quer expandir-se e tem de saltar aos olhos por força.

Ora, sendo certo que comprehendemos e louvamos todas as manifestações de apreço até hoje consagradas á grande pequenina heroína da Gollegã, claro está que fazemos entrar no numero d'ellas, contra a opinião de varios criticos, a medalha de honra com que o herdeiro da Corôa, muito correcto na sua casaca preta, e muito gentil na sua admiração nunca regateada pelos actos meritorios de grande valia, adornou, em sessão solemne, os fatinhos grosseiros e mal alinhavados de Custodia dos Anjos.

Para galardoar heroismos d'aquelles, achariamos pouco uma boneca, uma caixa de *bonbons*, um punhado de oiro e um titulo de nobreza. As bonecas partem-se, as gulodices comem-se, o vil metal gasta-se e os titulos de nobreza dão-se a toda a gente. De resto, podia muito bem succeder á nossa juvenil compatriota o mesmo que succedeu a uma creança d'Italia, a quem a rainha Margarida entendeu dever agradecer a offerta d'um primoroso par de meias, enviando-lhe outro par, cheia uma de rebuçados de ovos e a outra atulhada de moedas de oiro, luzidias e novas em folha. O pae da pequena—um libertino—guardou o dinheiro para si; e os irmãos—uns lambareiros—atiraram-se aos rebuçados como Santiago aos moiros.

Não diz a historia se houve alguma irmãsita da creança codilhada que se abotoasse com o par de meias da rainha, mas é natural que sim.

Com a medalha da nossa valente condecorada, ninguem se abotoará, de certo; é privilegio exclusivo d'ella, só ella a poderá usar e trazer, sobre aquelle peito onde pulsa um coração de ouro de lei.

Ha, porém, uma coisa que nos revolta—uma só—no meio d'esta corrente de caridade e de admiração observada em favor de Custodia dos Anjos:—a brutalidade despiedosa com que fôram arrancal-a ao amor puro e casto da familia modesta, ás caricias do sol da sua terra alemtejana, áquelle meio agreste mas vivifica-

dor onde nascera e se creára sempre á vontade, á larga, como gallinha dos campos, retouçando pelos mata-gaes e pelas coutadas, enchendo a bilha caseira nas fontes dos caminhos, ajudando os paes no amanho das terras, na apanha dos fructos e na descasca dos milhos, aprendendo a ser mulher e a ser forte, sem se definir pela nevrose e pela anemia das grandes cidades.

—Queremos educal-a, dizem, fazer da pequena uma grande dama, chamal-a ao convívio de collegiaes d'élite, n'um internato onde se borde a sedas e ouro, onde se toque no piano Chopin e Mendelssohn, onde se aprenda litteratura e historia.

E para que? E depois? Não irão estragar-lhe o corpo, que é vigoroso, e a alma, que é purissima e innocente? Não irão fazer d'aquella boa creança uma creatura inutil, á força de quererem transformar-lhe a indole, os habitos, as tendencias e até as suas pobres *toilettes* campezinhas de chita nacional?

Francamente, assusta-nos a possibilidade d'esse epilogo desastrado e funesto. Quizeramos antes ver a condecorada do Colysco voltar de novo, muito em socego, á sua choupana de provincia, levando por bagagem a medalha humanitaria com que a agraciaram, por traje o simples vestidinho domingueiro com que nos appareceu, e por instrucção a mesma que a ensinou a salvar duas vidas.

Se a pobre creança tem fé e crenças, as crenças proprias dos doze annos e a fé que se avigora com os exemplos da virtude, deixem-n'a ir tranquillamente para os seus penates, não lhe mostrem as podridões d'este meio viciado e deleterio, porque, lá o diz o adagio italiano:—*Roma veduta, fede perduta.*

C. D.

NOTAS Á MARGEM DO 13.º VOLUME DO

« DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO »

Tem proseguido o sr. Brito Aranha na improba tarefa a que se entregou, e que tem desempenhado de um modo verdadeiramente notavel, continuando a obra de Innocencio. Já aqui fizemos, a respeito de um dos volumes ultimamente publicado, algumas observações muitissimo superficiaes, transcripção de notas á margem, que iam tomando para nosso proprio governo á medida que iam abrindo as folhas do livro. Hoje o mesmo faremos, aproveitaremos o ensejo para consignarmos aqui umas breves impressões que a leitura do *Diccionario* de vez em quando nos suscita.

Quando vimos o artigo *Julio Cesar Machado*, notámos a falta da indicação da 2.ª edição do *Claudio*. Effectivamente em 1875 os editores, os srs. Aristides Abranches e Philippe Trindade publicaram uma nova edição do *Claudio*, que fôra a estreia litteraria de Julio Cesar Machado, mas acompanhada com um larguissimo artigo, intitulado *N'aquelle tempo*. O successo que obteve esse interessantissimo estudo suscitou a Julio Cesar Machado a idéa de inserir as recordações da sua vida nos *Apontamentos de um folhetinista* e na *Vida alegre*. Julio Cesar Machado é verdadeiramente admiravel e interessantissimo n'esse genero especial. Tem conhecido muita gente, e gente em todas as posições, e de todas as classes, estadistas e actores, grandes poetas e grandes elegantes, e soube conhecê-los, que é mais. Guarda de todos elles uma impressão caracteristica, sabe reproduzil-a, e transmittir-nos o typo exacto da pessoa que em dois traços nos descreve. O trecho *N'aquelle tempo* tem coisas preciosissimas.

Escapou a Brito Aranha consignar na lista das obras de Julio Cesar Machado esta segunda edição do *Claudio*, sobretudo importante por ser acompanhada do *N'aquelle tempo*.

Falla Brito Aranha em Julio Augusto de Oliveira Pires, um meu antigo amigo, homem de raro talento, que, não sei por que, ou por uma certa indolencia de espirito, ou por uma tendencia para dispender no *cavaco* as forças que em litteratura seriam fecundissimas, nunca publicára senão uns raros escriptos de *dilettante*. Como porém se trata de fazer muito ligeiramente e á margem, como digo, umas pequenas indicações a Brito Aranha,

dir-lhe-hei que não mencionou uma obra de Julio Pires, unica talvez que se publicou sem ser em jornal—a biographia do padre Carlos Rademaker na collecção dos *Contemporaneos*.

Permitte-me o meu caro amigo Brito Aranha que lhe pergunte porque é que, consagrando artigos especiaes ás diferentes collecções da legislação portugueza, não consagrou um tambem á *Legislação Ultramarina*? Pois está sendo coordenada e publicada pelo ministerio da marinha, devendo estar proxima a sair do prelo a collecção relativa aos tres ultimos annos.

No artigo relativo a Luiz Antonio de Abreu Lima, conde da Carreira, diz o sr. Brito Aranha que lhe parece que os exemplares da segunda edição da *Correspondencia* d'este diplomata estão sendo raros. Não nos parece. Só se por acaso o começaram a ser ultimamente. Ha quatro ou cinco annos encontravam-se com plena facilidade no mercado, e já então corria a mesma lenda bibliographica. Provavelmente originára-se da supposição que, tendo sido a primeira edição supprimida, o publico procuraria com avidéz a segunda. Não succedeu assim.

No artigo a respeito de Levy Maria Jordão, visconde de Paiva Manso, faltou indicar tambem a *Historia do Congo* publicada pela Academia, mas depois do author fallecer, se nos não enganamos. Esta *Historia do Congo*, apesar do titulo, não é mais do que uma collecção de documentos que podem elucidar a historia ecclesiastica d'aquella região.

Na relação das obras do sr. Rodrigues de Freitas falta uma das mais importantes, e não fallamos já n'um folheto publicado recentemente, porque esse não saíra ainda quando Brito Aranha publicou o seu volume. Fallamos n'uma obra importante publicada ha quatorze annos pelo sr. Rodrigues de Freitas, e que temos n'este momento diante de nós. E' a seguinte: *Revolução Social—Analyse das doutrinas da Associação Internacional dos trabalhadores por J. J. Rodrigues de Freitas Junior—Porto—Typographia do Commercio do Porto—1872—1 vol. 128 pag. e 8 innumeradas, sendo 3 de indice, 1 do frontispicio, e outra com as seguintes epigraphes:*

«Lembre-mos de que toda a offensa á liberdade, longe de enfraquecer os inimigos da ordem social, sómente os fortaleceria, permitindo-lhes fingirem-se defensores de direitos sagrados, de que elles acabam de mostrar-se os mais crueis e mais implacaveis inimigos (Villetard *Histoire de l'Internationale*, pag. 284).

«A associação é um dos mais poderosos meios de educação politica e social. Nas associações os homens aprendem a apreciar e a discutir os objectos de interesse commum, a comprehender as difficuldades que muitas vezes se oppõem á realisação dos mais uteis planos, e a convencerem-se de que toda a sociedade exige leis que desviem pretensões exclusivas, para dominar e harmonisar os interesses particulares. Demais a submissão as leis melhor se obtem quando cada qual cooperou n'ellas e reconheceu que eram necessarias.» Ahrens *Philosophie du droit*.

«O homem que obedece á violencia curva-se e abate-se; submettendo-se á authoridade que reconhece n'outrem, de certo modo se eleva acima d'aquelle de quem recebe ordens. Não ha grandes homens sem virtudes; não ha povo que seja grande sem respeitar os direitos; pode-se até dizer que sem este respeito não ha sociedade.

«Qual é o melhor meio de apresentar aos homens a idéa do direito e tornar-lh'a sensivel?—E' conceder a todos o tranquillo exercicio de certos direitos.» Tocqueville *Democracia na America*.

Este livro, em que o sr. Rodrigues de Freitas sustenta excellentemente as mais sãs doutrinas da economia politica liberal, divide-se em 13 capitulos.

Apezar de lhe não escapar nem o mais insignificante estudiantinho de medicina que imprime a sua these, vamos-lhe indicar um nome que deixou passar. E' o do sr. Julio Mario Vianna de quem ha pelo menos a seguinte obra: *Conferencia sobre phyloxera vastatrix por Julio Mario Vianna, alumno do ultimo anno theorico do curso geral de agricultura—Lisboa—Typographia Universal, 1880*. E' um folheto de 42 paginas dedicado ao sr. conselheiro Ferreira Lapa. O author, se nos não enganamos, é filho do sr. João Ribeiro de Carvalho Vianna, official de marinha muito distincto, e escriptor justamente apreciado.

Ha um artigo porem n'este volume—o de Rebello da Silva—que está bibliographicamente deficientissimo, e tão costumados estamos ao trabalho consciencioso de Brito Aranha que não podemos deixar de suppôr que houve um motivo qualquer estranho á sua vontade—perda de original mandado para a imprensa, extravio de graneis etc, que explica as deficiencias d'esse artigo.

Vamos indicar algumas.

Em primeiro lugar esqueceu completamente a Brito Aranha o Rebello da Silva historiador, de forma que se não falla, no livro que temos presente, nos cinco volumes publicados da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. D'esses cinco volumes, só os dois primeiros que formam a introducção da obra são na realidade de valor secundario, mas o 3.º e 4.º, que narram a historia de Portugal durante o dominio hespanhol, são verdadeiramente notaveis e o 5.º que faz a historia das instituções, e do movimento intellectual e economico de Portugal é muitissimo interessante. Pois a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII* não se descreve, nem se menciona no *Supplemento* assim como no proprio *Diccionario Bibliographico* apenas se fazia uma

ligeira allusão ao apparecimento que estava então proximo, do 1.º volume d'essa *Historia*.

Tambem se não cita o interessante romance de Rebello da Silva *Lagrimas e thesouros* que fôra publicado primeiro em folhetins do *Commercio do Porto*, depois em volume. Esse livro baseia-se na romantica historia da vida do viajante Beckford em Portugal e dos seus contrariados amores com a filha dos marqueses de Marialva.

O que nos faz suppôr que houve um motivo qualquer occasional que produziu todas estas faltas é o dizer o sr. Brito Aranha no fim do seu artigo. «Acerca da *Casa dos phantasmas* veja-se o artigo do sr. Pinheiro Chagas em os *Novos ensaios de critica*...» Obra da *Casa dos phantasmas* não se falla nem no artigo que assim termina, nem no artigo correspondente escripto por Innocencio ainda.

A *Casa dos phantasmas* foi o ultimo romance escripto pelo eminente romancista, saiu primeiro no folhetim da *Gazeta de Portugal*, e depois impresso á parte em dois volumes na *Bibliotheca da Gazeta de Portugal*.

Tambem Brito Aranha não mencionou, numerando-o, como é de praxe, um volume posthumo de Rebello da Silva *Contos e lendas*. A respeito d'esse volume diz apenas o seguinte, depois de citar e de classificar com o numero 1271 o romance *De noite todos os gatos são pardos*, editado por Mattos Moreira: «O mesmo editor publicou tambem outro volume *Contos e lendas*.»

De certo que publicou, e o nosso prezado amigo e erudito escriptor Brito Aranha, devia tel-o inscripto com o n.º 1272. Merecia bem a classificação porque encerra entre outras preciosidades a joia a *Ultima tourada em Salvaterra* e a lenda do *Castello de Almourol*.

Mas Rebello da Silva foi de todo o ponto infeliz porque o artigo de Innocencio não foi cautelosamente revisto pelo sr. Brito Aranha. Assim Innocencio falla na *Tomada de Cuta*, e Brito Aranha não accrescenta que um ou dois capitulos d'esse romance appareceram depois no *Archivo Pittoresco*. Tambem não falla na 2.ª edição da *Mocidade de D. João V* feita em tres volumes pela casa Moré.

Tambem ignora, como Innocencio, que a *Pena de Talão*, romance que Rebello da Silva começou a publicar no *Panorama* é o mesmo que o *Rauso por Romizio*.

Dizendo Innocencio que suppunha que a *Fada*, comedia traduzida de Octavio Feuillet, se conservava inedita, Brito Aranha não diz que ella se imprimiu, como é certo, na collecção do *Theatro Moderno*.

No proprio artigo do sr. Brito Aranha se diz que Rebello da Silva foi ministro da marinha em 1870 quando se devia dizer em 1869 e 1870. Effectivamente o ministerio Loulé abrangeu parte d'estes dois annos e é até fins de 1869 que datam as grandes medidas de legislação ultramarina decretadas pelo notavel ministro.

Accrescentemos tambem que o romance (bem insignificante) de Rebello da Silva, *De noite todos os gatos são pardos*, não chegou a sair completo na *Revista Contemporanea*.

Quando se publicou a *Historia de Cesar*, de Napoleão III, o imperador desejou que a sua obra fosse traduzida em differentes idiomas, e Rebello da Silva foi encarregado da traducção portugueza. Não sabemos se chegou a escrever alguma coisa, sabemos que nada se imprimiu.

Desculpe-me o sr. Brito Aranha estes reparos feitos á sua obra monumental. São perfeitamente umas *Notas á margem*, que não servem senão para chamar a sua attenção para lapsos naturalissimos em trabalho de tanta magnitude.

PINHEIRO CHAGAS.

LAMARTINE

Ainsi, toujours poussés vers de nouveaux rivages

Acode nos involuntariamente ao espirito este verso celebre, ao fallar do poeta gigante que desempenhou tão grande papel na historia de França, e a quem a mesma França, depois de dezeseite annos de profundo esquecimento, acaba de levantar uma estatua, perpetuando em bronze e marmore o nome do morto illustre.

O assombroso artista das *Meditações* tem, finalmente, o seu monumento em Passy, n'aquelle formoso bairro de Paris onde morreu. Embora tarde, a divida dos francezes está paga.

A existencia de Lamartine é das mais extraordinarias que se recordam. Como poeta de genio, disfructou a embriaguez da popularidade; como homem elegante, foi adorado por uma legião de mulheres formosas, a quem immortalizou, e por sua esposa legitima, uma ingleza riquissima, que lhe levou milhões na *corbelle* de nupcias; como homem politico, depois de haver sido por si só um partido na Camara dos deputados, até 1848, sou-

be, no momento decisivo, tomar uma deliberação e proclamar a Republica. A elle se deve a abolição da pena de morte em França, por delictos politicos.

Lamartine prestou serviços valiosissimos, e teve tambem a sua hora de heroismo.

No dia 25 de fevereiro, uma turba de maltrapilhos invadio o *Hotel de Ville*, onde estava reunido o governo provisorio, e reclamou que fosse arvorada a bandeira vermelha.

Lamartine oppoz-se e conseguiu acalmar aquella horda de furiosos com um soberbo improviso, que terminou com estas palavras celebres:

«A bandeira vermelha não se fez ver nunca senão no campo de Marte, tincta com sangue de francezes; a bandeira tricolor, essa deu a volta ao mundo, como emblema glorioso da sua emancipação.»

Se elle tivesse tido a fortuna de morrer n'aquelle momento, seria o primeiro homem da historia franceza, o mais admirado, e o mais querido!

Desgraçadamente para Lamartine e, sobre tudo, para a França, o famoso poeta, ao tratar-se da eleição do presidente da Republica, teve uma idéa que, embora grande e generosa, produziu as mais graves consequencias.

Lamartine propoz que o povo e não a Camara dos deputados, como queria Grévy, elegeisse o Presidente. Foi n'aquella occasião que elle proferio as celebres palavras: *Alta jacta est*.

A sua idéa vingou. O Principe Napoleão foi eleito Presidente da Republica por cinco milhões de votos, emquanto que Lamartine só conseguiu alcançar 7.910.

D'ahi, a vinda do Imperio e das suas fataes consequencias. Lamartine voltou a manejar a sua penna vigorosa e scintillante, solicitando, pelo espaço de vinte annos, o favor do publico, cada vez mais refractario.

Apesar d'um trabalho incessante, o poeta mal ganhava para viver uma viva modestissima, elle, que adorava o fausto e as grandezas como ninguem. Por fim, as enormes necessidades da sua existencia difficil levaram-n'o a acceitar do governo Imperial a dadia de 500.000 francos.

Affonso de Lamartine, o luminoso genio a cuja memoria a França acaba de erigir uma estatua, nasceu em Maçon, a 21 de outubro de 1791. Seu pae, um ardente realista, fel-o educar como grande senhor. Até á Restauração, Lamartine viajou muito, e depois d'ella entrou no corpo diplomatico.

Em 1820 publicou as *Meditações*. Foi um acontecimento extraordinario a apparição d'este livro immorredoiro. Com elle surgia uma poesia nova, humana, viva, emocionadora, vibrante, que provocou enthusiasmos colossaes, arrebatamentos de admiração profundissima.

No anno seguinte publicava Victor Hugo as suas *Odes*, e a França tinha dois grandes poetas, com a differença de que Hugo, cuja existencia foi sempre liberal e sem o mais pequeno desvio até ao fim, cresceu no tumulo em vez de reduzir-se a nada.

Senão, veja-se: ao passo que as obras de Victor Hugo se multiplicam espantosamente todos os dias, não havendo quem não possua uma d'ellas, pelo menos, as de Lamartine não existem já no commercio das livrarias, passaram de moda, raros são os que as procuram e lêem.

De 1830 a 1833, realisou Lamartine uma viagem principesca ao Oriente, com sua esposa e sua filha, que morreu no caminho e a quem o desgraçado pae chorou toda a vida. O poeta, em todo o brilho da sua fama e ainda em todo o fastigio das suas riquezas, fretou expressamente um navio para fazer esta longa excursão e viajou como um soberano.

Voltado á patria, lançou-se novamente na politica, de que não tornou a sair senão depois do seu lamentavel desastre de 1849.

Vinte annos mais tarde, no 1.º de março de 1869, morria sem agonias dolorosas em Passy, n'um *chalet* que a cidade de Paris lhe offerecera.

Praza a Deus que as recordações que a estatua ali erigida evoca, levem o publico francez a ler de novo Lamartine, o grande poeta e o estylista maravilhoso.

Mas duvidamos de que o faça; é mais provavel que o publico siga para deante... *toujours poussé vers de nouveaux rivages*.

NAUTILUS.

D'UM POEMA INTIMO

Deus mandou-te dos ceos, Visão querida,
como um raio de esp'rança,
que me viesse suavisar a vida.



CUSTODIA DOS ANJOS E AS DUAS RAPARIGAS POR ELLA SALVAS

Deixa-me ver teus olhos rasos de agua,
teu floreo corpo, ó timida creança,
e a tua alma gentil cheia de magua.

Já que tu vens de Deus—
—essas belezas—quero conhecê-las,
como se eu proprio andasse pelos ceos,
entre o Azul, as Nuvens e as Estrellas.

Hei-de dar-te um palacio com mil portas,
que encerre tudo quanto phantasiarmos:
—rosas, volupta, musica, affeições...
A porta principal é para entrarmos...
e são as outras para as illusões!

Imaginei, que uns vultos, que choravam
me arrancaram do peito o coração;
e n'um féretro negro m'o levavam,
n'um pequenino e livido caixão.

O cemiterio branquejava ao largo,
entre os fumos da aldeia silenciosa.
Cahia sobre a terra um pranto amargo
e desmaiava a rosa...

N'isto aos meus olhos vejo abrir-se o ceo,
e tu appareceres! E eu disse então:
«Vão depressa buscar meu coração,
que elle inda não morreu!»

Ora depois interroguei a Morte:
—Quando é que ao certo devo acompanhar-te?—
Diz-me ella (sempre a caminhar na estrada)
—Vai perguntar á tua namorada,
quando faz conta de deixar de amar-te!...

Penso (e trago a cabeça pelos ares)
se estes versos são meus, pomba celeste,
que estas coisas, emfim, tu m'as disseste,
sem nunca me fallares!...

ANTONIO FOGAÇA.

UM REMORSO

—Lembram-se, perguntou Mauricio, da pequena casa da Rua Jacob, onde rezidi em 1880? A casa era socegada; os inquilinos eram pessoas pacatas e inofensivas; só um d'elles valia a pena de ser descripto.

Esse morava no quarto contiguo ao meu.

Era um rapaz alto, moreno, muito pallido, teria vinte e seis annos e curvava-se um pouco; usava a barba e o cabello muito comprido e cuidava pouco da toilette.

Vestia constantemente uma enorme sobrecasaca de panno preto no fio, umas calças com joelheiras, um chapéo de pello de seda de abas disformes e grandes sapatos de laço.

Os sapatos bocejavam repetidas vezes, e as costuras da sobrecasaca riam com muita mais frequencia do que o seu proprietario, cuja phisionomia exprimia habitualmente a tristeza resignada.

O singular inquilino tinha uns bonitos olhos, vivos e doces, onde fuzilava a espaços um relampago sombrio.

Na rua, caminhava sempre rente com as paredes, a cabeça baixa e um pacote de papeis e livros debaixo do braço.

Não obstante o aspecto inoffensivo do pobre rapaz, tinhamol-o chrisinado com o nome de *Nihilista*, em consequencia dos seus ares mysteriosos e lugubres.

A sua existencia era tranquilla, quasi claustral; nunca se lhe ouvia em casa um *froufrou* de saias, o murmuro de um beijo, ou a nota juvenil de uma voz de mulher.

A despeito dos nossos quartos serem divididos por um simples tabique, nunca o pobre cenobita perturbava o meu somno.

Quanto á outra pessoa de que desejo fallar-lhes, era uma mulher... uma encantadora mulher, que habitava, com uma tia, o quarto por cima do nosso. Verdadeiro typo da parisiense elegante, os seus cabellos de um loiro claro frizavam-se-lhe na testa e cobriam-lhe quasi os olhos pequenos e azues, um azul de turqueza.

A minha deliciosa vizinha possuia uma bocca adoravel, sempre entre aberta, attraíndo o beijo e deixando ver os pequeninos dentes felinos, cortando o vermelho humido dos labios: o nariz, muito proximo da bocca, assimilava-se ao de Anna Judic; quanto á barba, como que era curta, redonda, com uma covinha ao centro.

Os detalhes eram superlativos; o conjuncto era encantador! Encontrava-a a toda a hora na escada; ella saltitava de degrau em degrau, com a agilidade de uma avesinha; parava sempre para a deixar passar e saudava-a a Carlos IX, de chapéo até ao chão; ella correspondia com um sorriso gracioso, que queria quasi dizer: «Bom dia, visinho!»

Um d'esses sorrisos valeu-me, uma vez, da parte do *nihilista*, um olhar negro que me fez rir a bandeiras despregadas, ao occorrer-me a comica possibilidade do homem das joalheiras estar apaixonado pela bonita vizinha loira.

Um dia de inverno, estava só no quarto; assava conscienciosamente as minhas pernas ao fogão, fumando e lendo versos de Gautier.

recei parecer-lhe ainda mais grotesco. A occasião era tentadora, e os cabellos loiros da vizinha doiravam-se-lhe na frente como um bom raio de sol.

Balbuciei, pois, um banal agradecimento e convidei-a a assentar-se em um *fauteuil* ao canto do fogão.

—E' verdade tudo que me escreveu? disse-me ella.

Perguntando a mim mesmo o que haveria na carta que me attribuiam, protestei, compenetrado, que tudo era verdade.

—Então, ama-me?

Ah! se é só isso, pensei, respirando desafogadamente.

De repente, ouvi bater á porta. Abri, e qual não foi o meu espanto achando-me defronte da minha gentil vizinha!

Ella entrou apressadamente, comprimindo as pulsações do coração com as suas mãosinhas esguias, aproximou-se, fitou-me com expressão um pouco triste, mas suave, e com voz tremula disse-me:

—Recebi a sua carta; como vê, não deixei de vir...

Conservava-me immovel diante d'ella, com a certeza de ter a cara de tolo mais definida que uma mulher possa ter visto. Estive por um triz a confessar-lhe que não lhe tinha escripto, mas

—Sim, minha senhora, volvi com inflexão dramatica; amo-a de todo o meu coração, de toda a minha alma, com todas as minhas forças! Não vivo senão de si e para si. A pouca felicidade que possuo n'este mundo, depende exclusivamente dos fugitivos momentos em que me é dado vel-a. E tal é o encanto que exerce no meu ser, que se me faltasse o seu sorriso, a divina luz dos seus bonitos olhos, não poderia viver. Quantas noites de vigilia tenho passado contemplando-a com os olhos d'alma, esquecido do mundo!... E quando adormeço, aos primeiros clarões da aurora, murmurando o seu adorado nome, vejo-a ainda em sonhos, julgo apertal-a nos braços, inebrio-me no delirio da minha sonhada felicidade... perdoe-me, minha senhora...

A minha vizinha escutava-me, enlevada.

Animado pelo acolhimento que recebia, enlancei-lhe a cintura e beijei-lhe a boca entre aberta como uma flor...

A noite envolvia-nos nas suas proipcias sombras.

No quarto, afogado em trevas, não se via senão o reflexo avermelhado do fogão que se ia apagando...

Os nossos olhares extaticos confundiam-se na penumbra, as nossas bocas bebiam sedentas o divino nectar dos beijos.

N'essa occasião, o relógio do meu quarto bateu dez horas.

Alice encarou-me fixamente, deitou a cabeça no meu hombro e disse-me com ternura:

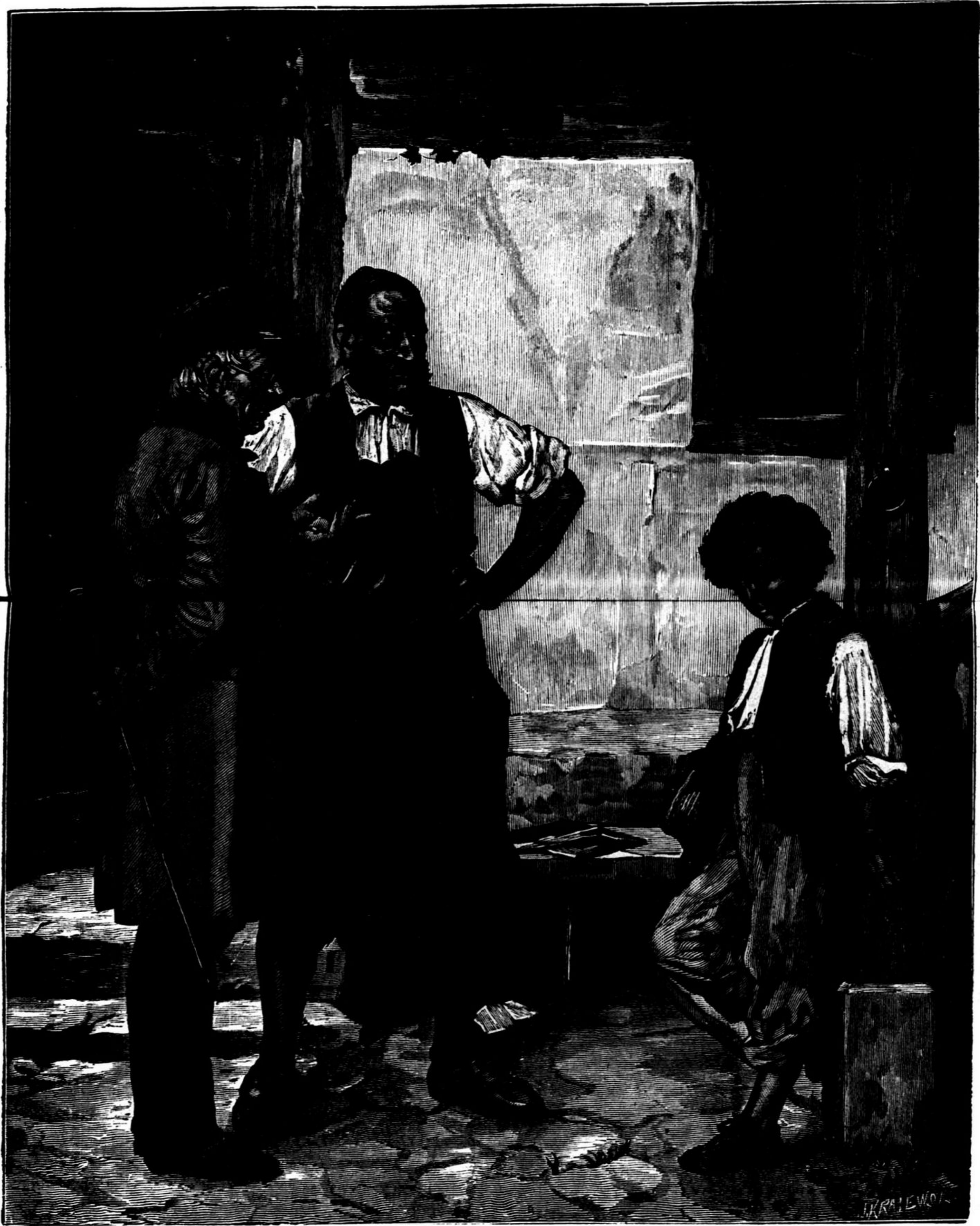
—A hora em que deverias matar-te, mau! se eu não tivesse vindo.

Com que então, pensei, suffocando uma gargalhada, o patife que lhe escreveu, a quem devo a minha ventura, recorreu a esse expediente infallivel para certas mulheres...

De subito, no silencio do quarto onde os nossos braços se enlaçavam, rescou um tiro.

Estupefacto, corri á escada. As portas abriam-se, os inquilinos appareciam, lividos de terror.

Só o quarto do meu visinho do lado, o *nihilista*, permanecia fechado.



É UM MANDRIÃO!

O remorso começava a cravar-me no peito a sua garra de tigre.

Mil perguntas cruzavam-se rápidas, no meio do grupo tremulo.

—E' alli! exclamaram, designando a porta fechada. Em seguida, arrombaram-a. E perante o meu olhar apavorado, e a minha pallidez de réu convicto, surgiu o corpo de um homem estendido no chão ao comprido, com o craneo esmigalhado!

CHAMBEAU.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 52 DO 2.º ANNO)

V

Vida nova

A' pergunta do seu amigo, Luiz recuou, e com voz tranquilla, firme, vibrante de decidida resolução, respondeu immediatamente:

—Nunca! Nunca! Nem á hora da morte lhe perdoaria.

Antonina então, mudando completamente de tom, dando á sua physionomia uma expressão tragica de resignação suprema, murmurou acabrunhada:

—Bem! Sei o que me resta a fazer!

E encaminhou-se para a porta silenciosamente, theatralmente.

—Onde vae? O que vae fazer? perguntou assustado devéras o Fonseca, que desnorteado com todas as scenas inesperadas que acabavam de se dar, recebeu por momentos que a cabeça romantica de Antonina tivesse ideado algum epilogo espectacular para o seu desastrado romance.

—Nunca mais me verão. Adeus para sempre!

E sahiu da sala, arrastando imponente o seu familiar robe de chambre caseiro, como se fosse o manto roçagante de rainha de melodrama antiga.

—Vae matar-se! exclamou pallido o Fonseca, dando um passo para seguil-a.

—Não vae, descança, socegu-o com um riso amargo Luiz, detendo-o, mulheres d'estas nunca se matam.

Entre os dois fez-se um demorado silencio. Fonseca aturdido, assustado, não tinha muita confiança na cabeça de Antonina e esperava a cada momento um grito, um aii uma coisa qualquer que lhe denunciase nova scena: Luiz ficara concentrado, vivamente impressionado com o que se passára, e pensando mais serenamente na grande scena que se dera, perguntava a si mesmo, como fóra ali parar sua mulher, e como lhe apparecera n'aquella *toilette* perfeitamente intima. N'isto, os dois ouviram fechar-se violentamente a porta da rua, uns passos apressados descendo a escada, e depois esses passos echoarem na solidão da rua das Damas.

Curiosamente chegaram ambos á janella e viram Antonina que descia rapidamente a rua.

Ficaram-se um momento ambos á janella a seguil-a com os olhos, e depois, quando ella desapareceu voltando a esquina, Luiz retiou-se para dentro, encolhendo os hombros desdenhosamente e murmurando em tom despresador:

—Deixa-a ir!

Sós, os dois olharam-se um momento sem nada dizerem, mas no olhar de Luiz já não havia aquella profunda confiança, aquella simplicidade ingenua com que elle costumava fitar o seu perfido e desleal amigo.

O Fonseca estava verdadeiramente sobre brazas.

Por um lado preocupava-o a sahida de Antonina, não sabia o que julgar, se aquillo seria uma nova comedia, se uma surpresa nova d'aquelle character que começava a desenhar-se enigmatico; por outro, perturbava-o enormemente o olhar desconfiado de Luiz, aquelle olhar em que adivinhava milhares de perguntas justificadissimas, a que não sabia como responder.

Finalmente foi Luiz que rompeu o silencio, e dirigindo-se ao seu amigo, serio, digno, n'um tom amigavel mas impregnado de certa gravidade, disse-lhe:

—Agora, Fonseca, peço-te uma coisa, não é por ti, é por mim; unicamente por mim, peço-te que me expliques francamente como foi que essa mulher me appareceu aqui, de repente, em tua casa, e vestida d'um modo que denota uma intimidade, uma familiaridade, que eu por mais que procure não posso explicar.

O Fonseca fez-se de cores, passava do verde ao amarello, do

livido ao escarlante com uma rapidez de vidro facetado agitando-se á frente da luz, e revolveu por um bocado a sua lingua aspera da febre, na bocca resequida, antes que atinasse com duas palavras para responder.

E lá comsigo, murmurava embaraçadissimo:

—E esta, hein? Ella, que sabe inventar toda a casta de mentira, safa-se, e deixa-me sosinho n'esta entalção! Eu sei lá o que hei de dizer!

Demais a mais Luiz, esperando a sua resposta, fitava-o com o seu olhar investigador, implacavel, como um juiz quando interroga um criminoso.

Lá como poudes, começou a balbuciar umas banalidades, a alinhavar muito mal umas palavras sem nexos, mettendo os pés pelas mãos, inventando uma historia muito absurda, dizendo e desdizendo-se, não sabendo por onde entrar nem sair.

O Luiz ouviu-o muito attento, muito placido, e quem olhasse bem para elle, o que notava apenas é que á medida que o Fonseca contava a sua historia gaguejando e atrapalhando-se, elle ia-se fazendo pallido como a cera.

Quando, suando em bica, o Fonseca acabou de dar o seu recado, Luiz estava livido.

Não respondeu nada á longa e emaranhada historia do Fonseca, não lhe fez o mais pequeno commentario; poz-se de pé mal elle acabou e com um ar muito ligeiro, muito despreoccupado, muito indifferente para ser verdadeiro, disse, simulando com mal disfarçado esforço um sorriso banal:

—Bem, meu caro amigo. Tenho-me demorado de mais, esqueci-me de que estou ás ordens do paquete. Eu vim cá fazer-te as minhas despedidas, e parto já, que tenho muitas voltas a dar. Adeus e até quando Deus quizer.

O Fonseca, muito admirado e muito corrido com a subita mudança que se operára no seu amigo, poz-se tambem de pé, com as pernas a cambalearem-lhe, e perguntou muito *gauche*, muito compromettido.

—O paquete então parte hoje?

—Não, amanhã ás duas horas.

—Ah!

—Adeus, repetiu Luiz encaminhando-se para a porta.

O Fonseca seguiu-o muito envergonhado, sem saber o que dizer-lhe.

A' porta da rua, o Luiz voltou-se para elle, e fitando-o muito, perguntou-lhe:

—Não mandas nada de mim?

—Que faças muito boa viagem, respondeu desastradamente o Fonseca, desviando o olhar e todo a tremer:

—Que eu ainda te heide ver amanhã, a bordo, continuou com grande esforço. Como se chama o paquete?

—O *La Plata*; mas não te incomodes. Adeus.

E sem lhe apertar a mão, sem lhe dar um abraço, esgueirando-se com fingida pressa, sahiu precipitadamente.

O Fonseca, muito pensativo, fechou a porta, e voltou para o seu quarto pallido como um morto e murmurando:

—Safal! Em que assados eu me vi! Elle percebeu tudo, ia jurar-o.

E ficou-se sentado na cama, a pensar na sua vida.

Depois, recobrando animo, chamou a criada e perguntou-lhe:

—A senhora não lhe disse nada quando sahiu?

—Não senhor. Vestiu-se em quanto o diabo esfrega um olho, e ala que se faz tarde. Ella é telhuda, queira desculpar, mas é; tem desarranjo na bola.

O Fonseca n'esse dia não sahiu. Andou toda a manhã de uma casa para a outra, a scismar, a fazer hypotheses, a crear e a desmanchar suspeitas.

Chegou a hora de jantar e Antonina não apparecia.

—E' capaz de ter feito alguma tolice, pensou elle! quem sabe se se deitou ao mar, ou se terá já a estas horas mettido alguma bala nos miolos.

E francamente, francamente, essa idéa não lhe causava lá um grande desgosto; pelo contrario, dir-se-ia até que não deixava de lhe sorrir.

Finalmente, quando estava a acabar de jantar, parou um trem á porta.

Levantou-se d'um pulo, e ordenou á criada, em voz baixa para que quem estivesse lá á porta não o ouvisse:

—Não estou em casa para ninguem.

A criada foi á porta.

O Fonseca, muito pallido, poz-se d'ouvido á escuta. De repente ouviu umas grandes gargalhadas, e Antonina irrompeu pela casa de jantar rindo muito, satisfeitissima, cançadissima.

—Safa, escapámos de boa.

—Hein? Vê lá o Luiz...

—Já lá vae pela barra fóra a estas horas.

—O que? Elle só parte amanhã ás duas.

—Ora adeus, partiu hoje á uma. Vi-o eu embarcar. Pensas que ando a dormir.

—Partiu hoje? Então enganou-me... E' que sabe tudo, tudo.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Fez, no dia 18 de junho findo, onze annos que se apagou a preciosa vida d'este poeta gigante, que findaram, na paz do tumulto, os martyrios d'este grande espirito, assalteado na ultima quadra da existencia pelos ataques das mais pequeninas e torpes invejas.

Ha onze annos, já, que a morte enmudeceu este cego sublime, quebrando-lhe a lyra harmoniosissima; e, todavia, o paiz inteiro lembra-se ainda d'elle com saudade; as creancinhas entoam ainda de cór os seus hymnos; a mocidade e a velhice preferem ainda com respeito o seu nome venerando e bem amado.

E' que elle, o amoroso mestre da innocencia, foi prestante, util e bom. Consagrou ás creanças todo o affecto da sua grande alma; cantou para ellas canções infantis; aprendeu a dedilhar uma harpa infantil, tambem, de modo a cobrir com alegrias roseas de festa as primeiras agruras do ensino; fez da aula um templo, adornou-lhe os muros com instructivos symbolos; ensinou a doçura aos mestres e o amor e o agradecimento aos discipulos; encheu a casa de harmonias, e nas palavras fervorosas em que sublimou a caridade e a gratidão, poz de accordo a sinceridade d'ellas com a singeleza dos corações em que haviam de ser guardadas e a innocencia dos espiritos onde teriam de ser repercutidas.

Sabedor, como nenhum outro, da litteratura da antiguidade, enriqueceu, tambem como nenhum outro, a litteratura patria e subiu á indisputavel cadeira de mestre na nossa lingua.

A posteridade, que começou para Castilho muito antes d'elle morrer, ha de procurar sempre a sua lição e seguir o seu conselho, como se não de curvar reverentes perante a sua auctoridade—se já hoje se não curvam—os proprios que tentaram macular-lhe a fama e deslustrar-lhe a gloria emquanto vivo.

Não é este o logar para a critica. Nas obras de Castilho avultam as bellezas de primeira plana, e se algumas manchas se lhes encontram, não são das que empallidecem o brilho aos productos mais esplendidos da arte humana.

A palavra harmoniosa d'este poeta não vibrou altisonante nas grandes commoções da guerra onde se decide a existencia e a vida dos povos; não agitou as turbas no entusiasmo das revoluções; não resuscitou as velhas glorias e as velhas lendas do passado; mas, ajuntando-se ás luctas pacificas do seu tempo, cantou as doçuras amorosas da familia, moldou-se ás exigencias da educação popular, pediu e obteve a vida de um desgraçado, celebrou as conquistas do progresso e a utilidade do trabalho, chorou com as perdas da patria, modulou eternos amores em rimas immortaes, esculpiu em versos immoreduros bellezas lyricas que só o genio inspira, e abriu, com a força da sua inimitavel melodia, um largo sulco de luz nas almas.

A sua morte foi uma perda nacional, que não se substituiu ainda, e que só muito tarde, talvez, será substituida.

CUSTODIA DOS ANJOS, E AS DUAS RAPARIGAS POR ELLA SALVAS

Fallamos largamente d'ella na nossa Chronica, e dispensamos, portanto, de vir aqui traçar-lhe a biographia.

Custodia dos Anjos, a heroína da Gollegã, tem doze annos apenas, e salvou já duas vidas. Poucos se ufanarão de tanto, mesmo depois de velhos, e pouquissimos poderão trazer ao peito a medalha honrosa com que foi premiado o valor heroico da pequenina alemtejana.

No grupo que publicamos, Custodia dos Anjos está collocada á direita das suas companheiras, sendo, como os retratos o indicam, mais nova do que ellas.

E' UM MANDRIÃO!...

E' um mandrião! nunca d'aquillo se ha de fazer homem que preste!

Amarga e desanimadora devia ser para aquelle pae esta sentenciosa resposta do velho mestre-escola! Pobre pae! porque conheste no decurso da tua trabalhosa vida quanto é triste a ignorancia, quizeste furtar a ella teu filho, para que elle um dia mais abençoasse a tua memoria! Era esse o teu sonho mais querido, e Deus sabe se alguma vez chegaste a pensar ousadamente na possibilidade de que o rapasinho viesse a ser padre, medico, advogado, ou cousa assim, muita outra do mister em que te creaste e que sen pre foi o teu ganha-pão! Tinhas visto outros, de não mais nobre estirpe, conquistando pelo estudo uma posi-

ção importante na sociedade, suhir até aos mais elevados cargos publicos. Não era, portanto, milagre que teu filho chegasse a taes alturas.

O pequeno, porém, é que nunca pensou n'isso, nem tem ambições taes. O que elle quer é trepar ás arvores em busca dos ninhos, correr, saltar, e jogar a cabra-cega e a pedrada com os da sua egualha. Em livros não lhe fallam. Tem-lhes horror, e detesta tanto a escola quanto odeia o mestre.

Mas o tempo corre; os annos hão de fugir velozes, e com elles fugirão tambem esses teus dias descuidosos da infancia, meu rapaz! Então, quando já fôres um homem, chegará para ti a hora do arrependimento e maldirá a tua cegueira de hoje. Será tarde, porém.

SERPA PINTO E AUGUSTO CARDOSO

Acabam de chegar inesperadamente a esta capital, vindos de Quilimane, os arrojados exploradores Serpa Pinto e Augusto Cardoso.

O primeiro, conforme é sabido, não poudo, pelo mau estado da sua saude quebrantada, seguir com a expedição do lago Nyassa, que brilhantemente organisou, para além de Médo.

O segundo, um rapaz forte e robusto, seguiu com a expedição, dirigindo-se de Médo, para O., sobre Metarica, cujo potentado o recebeu nas palminhas, fazendo acto de vassalagem, saudando a gloriosa bandeira das quinas, e pedindo novas e ordens de *Numa Maria Grande*—a rainha D. Maria II.

O sr. Cardoso, explorando as bacias do Lianda e do Massala, a origem d'aquelle rio e muitos afluentes importantes dos dois, subiu 50 e tantas milhas da margem direita do Ruvuma, cortando depois sobre o Nyassa, que attingiu no extremo sul, extenuado, já sem fazendas, com poucos mantimentos, e gravemente enfermo. Um ataque de gota serena, teve-o cego e perdido por muitos dias.

Cardoso foi ao Blantyro procurar alguma fazenda, e voltando ao Nyassa, a buscar a expedição, e passando pelo monte Zomba, dirigiu-se a Quilimane por um caminho novo. No monte Melange, os indigenas quizeram oppor-se-lhe, a principio, suppondo-o inglez, mas abriram-lhe passagem, logo que viram a bandeira portugueza.

Esta ficou arvorada na margem do Nyassa, na terra do Qui Razia, que se avassalou com grande festa.

*

Serpa Pinto, aquella organização de ferro, que nós todos admiravamos ha annos, por occasião da sua primeira travessia pelas regiões desconhecidas da Africa, vem alquebrado e velho; nem parece o mesmo, taes são os estragos n'elle produzidos pelos climas inhospitos dos paizes que percorreu.

—Estive por mais d'uma vez á morte, disse-nos elle ainda hontem, mas não me pezou isso tanto, como me peza não ter podido acompanhar todos os trabalhos da expedição!

N'estas palavras sinceras está o seu maior elogio.

*

O intrepido companheiro de Serpa Pinto, o tenente de marinha, Augusto Cardoso, cujo retrato hoje damos, é uma creança quasi, apezar das fortes barbas que se lhe tem desenvolvido n'estes duros ensaios de explorador.

Espirito irrequieto, insaciavel de novos horisontes e de novas aventuras, o moço official só pensa em investigar o desconhecido, só se encontra bem onde ha perigos serios a correr, difficuldades enormes a desbravar. Nem as febres palustres o incommodam, nem a morte longe da patria o amedronta. O seu sonho constante é ser util ao paiz onde nasceu, e esse sonho está felizmente realisado, pois que os trabalhos da expedição Serpa-Cardoso—ninguem pôde negal-o—são d'um extraordinario alcance, sob o ponto de vista politico, scientifico e commercial.

EGREJA MATRIZ DA GOLLEGÃ

A quatro leguas ao sudoeste de Santarem, e uma ao sul de Torres Novas, está assentada, no meio de campinas dilatadissimas, a villa da Gollegã.

Esta villa teve principio em uma estalagem, que ahi estabeleceu uma mulher, natural da Galliza, por ser um ponto muito frequentado de viajantes, principalmente dos que transitavam de Santarem para Thomar e Coimbra.

Com o tempo fôram-se edificando algumas casas junto á estalagem, e formou-se a villa.

A povoação já existia no seculo XV.

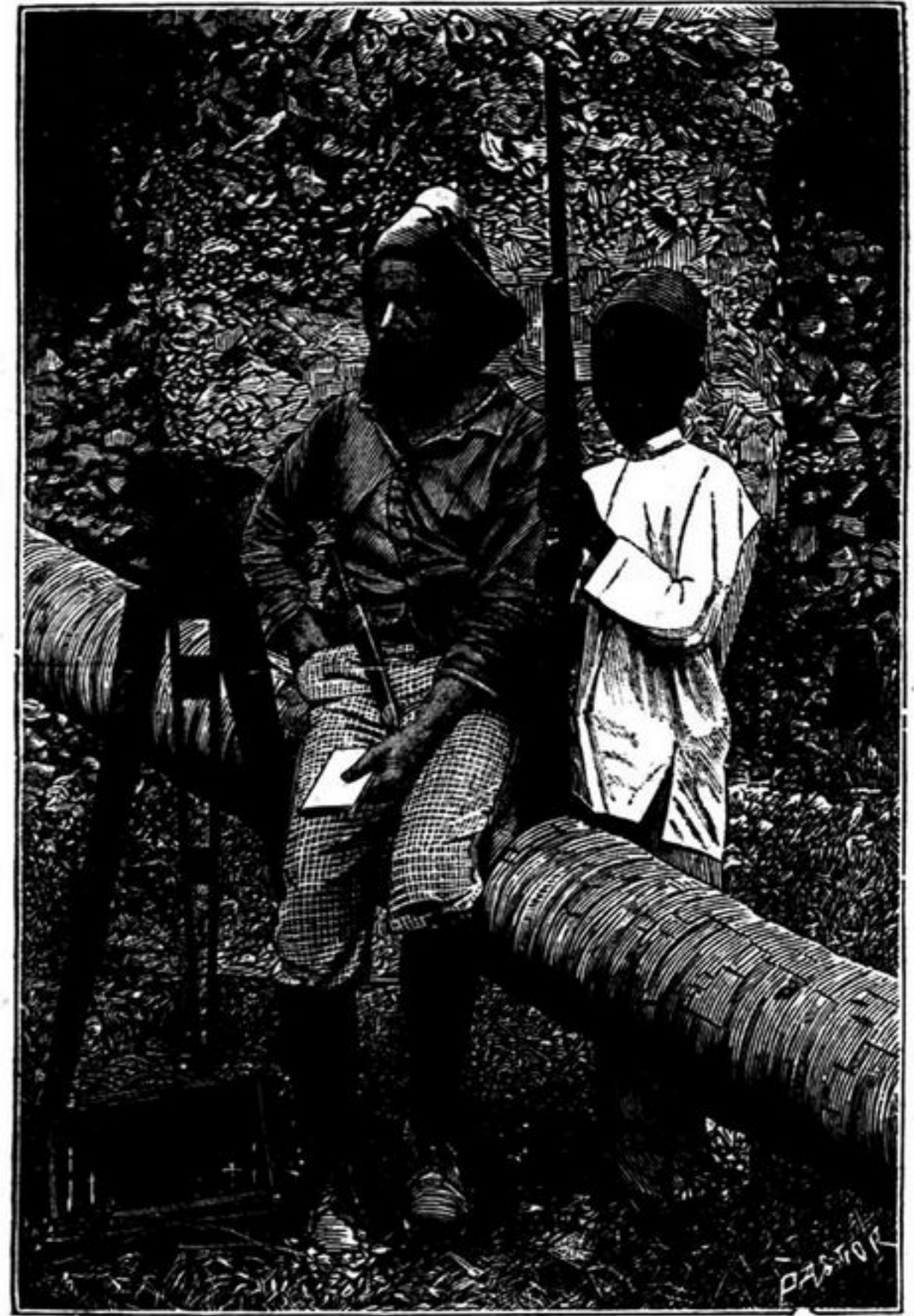
Como geralmente chamavam á estalagem a *venda da Gallega*, passou o nome para a povoação, sendo denominada *villa da Gallega*, que, com o andar dos tempos, se corrompeu em *villa da Gollegã*.

A igreja, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, foi fundada por el-rei D. Manuel. E' representada pela nossa estampa.

Ha na villa muitas casas de boa apparencia e algumas que



SERPA PINTO



AUGUSTO CARDOSO

se podem chamar bellas vivendas. A principal é, de certo, a do sr. Carlos Relvas, cavalheiro estimabilissimo e um dos mais importantes e dos mais notaveis lavradores do paiz.

No termo da Gollegã ha quintas muito vastas, como as da Labruja, a do Médo, que pertence ao sr. visconde de Asseca, etc.

A feira annual que na Gollegã se realisa todos os annos, em novembro, é das mais importantes do paiz.

Costuma ser muito concorrida de gente, generos e gado.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Anda no chão este dinheiro—1—2.
No firmamento e no homem ha este instrumento—2—3.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS

Terrivel, na musica, o metro é uma medida—1—1—2.
Rio e rio que formam um instrumento—1—1.
Sexta cidade que tem agua—1—2.
Tempera o appellido este tempero—1—1.

Cartaxo. TITO.

Na musica não foi vendido este homem—1—2.

Cartaxo. J. M. SEABRA.

Nas cabras anda para guiar—1—2.

Porto. ZULMIRA DE SOUZELLAS.

EM VERSO

(Retribuição aos srs. M. M. & M., e A. Amor de Mello, auctores dos Logogriphos: «Antonio Marques Guedes e Liquidambreiro.»)

Visto que sou obrigado
A voltar aqui de novo,
E' justo, pois, que saúde:
O clero, a nobreza e o povo.

E, saúdades que sejam
Os cavalheiros gentis,
Eu troço-os, por que não mettem
N'esta charada o nariz.

Se á primeira d'esta parte,
Letra final acrescenta,
N uma carranca de velha
A dal-o ninguem se tenta—1.

Mas se o rosto fôr, formoso,
D'uma sibylla qualquer,
Não ha no'a discordante
Nos encantos da mulher—1.

Porém se, qual Amphitrite,
No rio fôr mergulhar,
E aos olhos dos cubiçosos
Espaduas nuas mostrar:—1.

Então eu... sim, então eu...
Mesmo com difficuldade,
Atiro-me ás frescas aguas,
Pr'a oscular tal beldade!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

CHARADA CONIMBRICENSE

A primeira vertical,
Parece ser um tecido;
E' provavel que o leitor,
O tenha agora vestido.

Vem segunda vertical,
E diz logo, em continente,

Ser um certo vegetal,
Vindo lá do Oriente.

A primeira horisontal,
Dizem não ser muito usada;
Eu conheci certa dama,
Por este nome chamada.

A segunda horisontal,
(Leitores tomae sentido),
Póde ser vento do sul,
Ou indicar conhecido.

Da primeira diagonal,
Bem podeis ser indulgentes,
Por ser uma cousa magra,
E servir-vos para os dentes.

Na segunda diagonal
Vos affirmo sem temer,
Ser um homem mui notavel,
Em asneiras, é de crer.

Castello Branco

XAVIER RODRIGÃO.

Logogriphos

(Por letras)

Quando eu ia a meu passeio,
Sempre n'ella o encontrava;—10, 7, 6, 9
Mas tinha certa doença—6, 5, 6, 3
Que nunca, nunca o largava.
Um dia fez se de véla.
Foi se n'esta embarcação;—4, 3, 8, 9
Mas chegou com tal incommodo,—4, 3, 2, 4, 5, 2
Que mettia compaixão.

Quer um conceito,
Caro leitor?
Ahi vae elle:
Grande pintor.

ROBINSON.

Adverbio—7, 15, 11, 13, 7, 4, 12, 6, 17, 15, 16, 14
Adjectivo—10, 2, 11, 15, 16, 10, 7, 15, 16, 17
Substantivo—1, 5, 10, 4, 12
Adjectivo—7, 10, 6, 11, 15, 7, 4, 5
Substantivo—3, 10, 2, 16, 2
Adjectivo—6, 12, 15, 11, 10, 10, 5, 16, 5.
Substantivo—13, 9, 15, 8, 5
Adjectivo—16, 14, 6, 11, 4, 5
Substantivo—15, 2, 16, 7
Adjectivo—16, 10, 5, 12, 15, 16, 14
Substantivo—8, 17, 2, 16, 17.

Adverbio

SERAPIÃO FALLA-ALTO.

LOGOGRIPHO ACROSTICO

(Por letras)

Faz assim para alisar—5, 6, 3, 2
Este nome tão bonito.—4, 3, 7
FERNANDO é quem de mim não gosta.—3, 4, 5
FERNANDO me faça dar um grito.—2, 6
FERNANDO quelle nome é gentil.—5, 6, 2
FERNANDO é feio este, tambem.—1, 5, 4, 5, 6, 2
FERNANDO o meu todo reunido,
FERNANDO bom jardim sempre tem.

C. A. C. LACERDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Estatuario — Eduardo Coelho — Avelã—Ida—Sapato—Menino—Morcego—Modestia—Belladona.

DOS LOGOGRIPOS:—Carta Constitucional—Joaquica.
DO ENIGMA:—(Rocaz—roz)
DO PROBLEMA:—Com Izidoro 12; com Alfredo 9 partidas.

Enigma (salto de cavallo)

de	ta	tra	de	sem	vir
si	ver	pre	I A	con	guer
es	com	do	seau	tu	tem
vi	mes	n'el	se	ra	Rous
ba	um	dis	pa	le	çe
mo,	ra	ter	é	se	e

Começa na casa I.

Porto

M. M. & M.

A RIR

Calino conta a historia d'um incendio a que assistiu.

—Toda a casa ardia, diz elle, e eu conservava-me muito socego no meu quarto, lendo um jornal.

—Mas a fumarada do incendio devia incommodal-o!

—Qual historia! Se eu fumo!...

*

O mesmo Calino diz a sua filha:

—Eu desejaria muito, casando-te, que me desses netos; mas como casas com teu primo, só virás a dar-me sobrinhos.

—Perdão, meu tio, diz o noivo; os meus filhos serão seus sobrinhos, de certo; mas os filhos de sua filha serão seus netos.

—E' verdade, tens razão, redarguiu Calino. Não me tinha lembrado d'isso.

UM CONSELHO POR SEMANA

O simples é muitas vezes o mais util. Daremos, portanto, hoje uma receita da maior simplicidade, indicando a maneira de limpar garrafas de crystal ou de vidro. Para isto, pega-se em cascas de batatas, introduzem-se na garrafa que se quer lavar, e junta-se-lhes uma porção d'agua, que se agita com força, até a garrafa estar bem lavada. Em seguida despeja-se esta agua suja, e substitue-se por outra limpa, agitando da mesma fórma. O crystal adquire assim toda a sua limpidez.

A ROSA ESCARLATE

Havia nascido de paes pobres e humildes—um aguadeiro e uma engommadeira. Na manhã do seu baptisado, não repicaram os sinos da igreja de Santa Martha, nem houve regabofe na loja da travessa do Açougue, onde os progenitores viviam. Apenas houve o repicar da lingua das vizinhas, e á noite, a inesperada vizita dos azeiteiros defronte, com as violas e descantes á moda da sua terra. Aquillo alegrava, e o João aguadeiro sempre foi mandando vir cinco garrafas de torreano carrascão.

A' meia noite, tudo estava acabado. Bichanos silenciosos e pacatos, desciam com pose felina a travessa, farejando guelras de peixe em decomposição.

Cresceu a pequena entre os cuidados da mãe e os carinhos

não menos sinceros do pae. Tudo quanto aquellas alminhas juntavam se convertia em arrebiques para adorno da filha.

—Aquillo não acaba bem, sentenciavam beatas esganiçadas e solteironas no seu odio implacavel contra a juventude.

Medrava e aformoseava-se a Maria, a olhos vistos, que era um regalo vel-a. Robusta e larga de quadris, como a mãe; expressão de fogo no olhar, voz sympathica mas forte—voz de varina—cabello preto, ondeado e farto, rosto redondo e de uma provocação irresistivel; boa perna roliça e fortes braços.

Muita viva, cantava e fallava com a desenvoltura de uma actriz. Gostava de mostrar bem as suas opulentas formas, e andava sempre de braços nus, collo degotado, corpete justo, saia curta e sapato d'entrada baixa.

Era extraordinaria a firmeza com que fitava qualquer pessoa. Não a tinham os paes educado no santo pudor da vista e do ouvido, que emquanto ao do corpo, nada havia que se lhe dizer.

Sem educação propria, não podiam comprehender que isso fosse necessario á sua Maria. Não sabia ler? Tambem elles não sabiam e nem por isso deixavam de ganhar a sua vida. Não sabia coser? Não tinha nenhum officio? Para que? Se a mãe lhe ensinaria a lavar e engommar. O que é que ganhava hoje uma mulher pela agulha, depois da invenção das machinas? Ao passo que, roupa de gomma, nunca deixaria de haver.

A Maria, graças a tão complacentes paes, havia adquirido no lar um predomínio fatal para a sua felicidade. Os seus naturaes tutores, longe de serem seus guias, eram os cúmplices dos seus caprichos. Ella dizia: quero—e estava tudo acabado.

Chegou o periodo tremendo em que a natureza acorda no coração da mulher o sentimento animal que opera a inteira transformação do seu ser physico e moral.

Indomavel e sanguinea, a Maria sentiu abalado todo o organismo. Os seus olhos rodeados de um delicioso circulo escuro ganharam em humidade e brilho. Desenvolveram-se-lhe extraordinariamente as formas, adquirindo umas curvas estonteadoras. A voz tinha notas penetrantes de uma dulcissima ternura e ninguém era capaz de sorrir com mais infernal carinho.

Rapazes fortes e espadaudos, aspirantes a officiaes de officio, entre os quaes corraera voz d'aquella maravilha da travessa do Açougue, desciam, e subiam a calçada em noites de luar e em noites de chuva, arrastando os pesados sapatos de largas solas tacheadas, traçando gentilmente a jaqueta sobre o hombro e fumando audazmente charutos de dez réis. A taes extremos leva a loucura do amor n'aquellas regiões de Santa Martha!

Sorria-se de si para si, a rapariga, como quem tem a consciencia do que vale, e respondia sobriamente com um só olhar, ás languidas e matadoras olhadelas dos seus admiradores.

Se não fosse esta *sciencia* instinctiva do namoro, já o sangue dos rivaes, teria tingido as inoffensivas pedras da mais inoffensiva das travessas da cidade de Ulysses.

*

Tudo tem um termo n'este mundo. Ao amor modesto dos operarios, succedeu-se a arrebatadora paixão por um fadista dos quatro costados, que se intitulava carpinteiro e que, audacioso como todos os da sua laia e versado na arte da seducção, induzira Maria a fugir com elle.

Era um esbelto moço em toda a extensão da palavra e sob o ponto de vista da esphera a que pertencia. Era um fino exemplar da sua especie. Ninguém trajava com mais rigor uma calça á bocca de sino, de larga pestana, sem uma ruga. Ninguém tinha uns hombros mais largos e uma cintura mais delgada. Ninguém, uma cara mais insinuante, uma tez mais mimosa, um buço mais coquette. Tambem ninguém se gabava de possuir maior destreza no a-salto á navalha, nem maior desenvoltura e graça n'um desafio de guitarra.

Era um pimpão. Citavam-se feitos d'elle, lendarios nas epopeas do bairro alto e quinta da Rabicha.

Fôra a este fascinador que a Maria se entregara com todo o *entrain* do primeiro amor. Iniciação formidavel, mas consentanea com o seu meio e com o seu temperamento.

Os paes de Maria cuidaram enlouquecer e correram á policia a dar parte do grande escandalo; porque a sua filha era menor. A policia, ouvindo que se tratava de fadistas, aguadeiros e engommadeiras, mostrou-se tão zelosa que, nunca souberam da filha.

A Maria, no entanto, descobria bem depressa que o seu faia, era um pobre diabo, como ha tantos, sustentado por uma hetaira hespanhola, doida por elle, mas a quem o rapaz não amava senão sob o aspecto das libras esterlinas.

A hespanhola avisada da *traição iafame*, como ella com todo o apruro sevilhano, chamava á infidelidade do seu Adonis, correu ao ninho d'elle e fez uma tourada em familia, baudarilhando com um par de cachações o infiel, e reduzindo a cacos um rico serviço de *porcellana* das Caldas. E mais teria feito se a Maria, reposta do seu espanto ante a gentil compatricia do Cid Campeador, não a agarrasse n'uma valente pega de cara, atirando-a pela escada conjunctamente com o perfido amante. Revelava-se a filha da engommadeira, de rijo pulso e forte tempera.

Aos gritos da hespanhola, rolando de degrau em degrau

acudiu a vizinhança assarapantada, depois a policia, que levou somente a senhorita para a esquadra, uma vez que o fadista, justificando o seu appellido de *pé leve*, desaparecera como por encanto.

A Maria, essa não quiz abrir a porta á *auctoridade*, e deu uma tal resposta ao policia que a intimidára para abrir, que o pobre guarda desceu logo os degraus a quatro e quatro. Era uma Maria da Fonte o diabo da rapariga!

Apenas havia socegado o borborinho, a Maria, debruçando se na janella, chamou um cidadão de Tuy, e encarregou-o de levar um recado verbal a uma contrabandista de certa ordem de negocios.

Esta não se demorou em apparecer e a Maria contou-lhe tudo o que se havia passado, declarando-lhe que estava desengana-da do que valiam os homens. Aquelle a quem ella, joven e bella, sacrificara tudo, trahira-a. E tava pois prompta a ceder ás propostas do rico banqueiro X... com a condição de que lhe havia de satisfazer todos os caprichos.

Ainda nos labios frementes d'indignação da formosa Maria tremiam as ultimas palavras e já a contrabandista, disfarçada em



EGREJA MATRIZ DA GOLLEGÃ

Mercurio de capote e enço, voava ao escriptorio do opulento banqueiro.

S. ex.^a fez as coisas principescamente. Um palacete foi posto á disposição da Maria, com a sua competente mobilia pretenciosa, os seus creados e o seu landau. Deu-lhe tambem professores, e a imaginação viva da pequena, fez com que aprendesse o que necessitava para se apresentar decentemente.

A sua aparição em S. Carlos, no Colyseu, no hippodromo e na praça de Sant-Anna, foi um deslumbramento. Tal era o esplendor da sua plastica e das suas toilettes. A sua radiosa mocidade communicava uma vibração de entusiasmo a todos os homens, ao mesmo tempo que elevava até ao paroxismo o furor de todas as mulheres. Contavam-se coisas incriveis d'esta rapariga, que ninguem sabia donde tinha vindo. Citavam-se as suas excen-tricidades, o seu luxo asiatico, a energia do seu caracter. Apon-tavam-se os sujeitos esbofeteados por ella, por lhe terem faltado ao respeito. Quem era ella? Como se chamava? Ninguem o sabia dizer. Intitulavam-na a Rosa Escarlata, porque nunca dispensava uma rosa d'esta côr, nos seus cabellos de uma opulencia estra-

nha, ou no seu *corsage* de uma elegancia irreprehensivel.

Era pois a Rosa Escarlata o melhor numero do programma em todos os espectaculos alfacinhas. Nos seus salões juntava-se a fina flor dos gommosos e a alta finança. Profundamente pratica, mercê das lições do banqueiro, não admittia a pisar as suas alcantifas quem não tivesse um nome illustre ou um cofre bem cheio. E adquirira com isso uma altivez aristocratica e fina, que a circumdava de um certo temor, quasi de um certo respeito. Nunca fôra vista nos restaurantes, nem nas plateias, nem passeiando a pé.

*

A fama da Rosa Escarlata espalhara-se de tal modo, que chegou á travessa do Açougue, á humilde loja dos paes. Estes porém estavam bem longe de pensar que se tratava da sua Maria, que julgavam morta.

Um dia de festividade publica, em que o povo se apertava nas ruas para ver passar a familia real, succedeu sairem a es-pairecer o aguadeiro e a sua cara metade. Estacionavam ambos na fila da multidão, com esse meio sorriso embasbacado das creaturas que se contentam com pouco para se distrahiem. Viam passar as carruagens particulares e os cavalleiros, quando de subito se fez um movimento nas pessoas que estavam ao seu lado, e um nome correu por todas as boccas com bem singular intonação.

—Olha! Olha! E' a Rosa Escarlata, a... mais rica que ha em Lisboa.

Os homens:

—E' bonita—com todos os diabos!

As mulheres:

—Que luxo! e que descaro! Isto devia ser prohibido!

A curiosidade do aguadeiro e da mulher estava deveras excitada. Os olhos pregados no landau que se approximava. A carruagem passou lentamente, com intenção. Uma carruagem e uma parrelha que só por si valiam uma fortuna. Dois creados inglezes, correctissimos, na almofada. Tudo isto, porém, era nada, comparado com a deslumbrante creatura que se recostava soberbamente no landau. Uma toilette riquissima, de velludo *marron*, fazia sobressahir a peregrina alvura do rosto redondo da feiticeira. O seu olhar dominador e sério, impunha-se de um modo irresistivel. Era uma mulher perigosissima.

No momento em que a portinhola da carruagem passava junto do aguadeiro, a Rosa Escarlata fixou o seu olhar profundo e tranquillo nos paes. Os olhares d'estes cruzaram-se com o d'ella e um grito medonho saiu do peito robusto do aguadeiro, os braços estenderam-se-lhe hirtos na direcção da carruagem, o pobre homem cambaleou e caiu para a frente sobre a calçada onde acabava do passar o landau.

Ouviu-se então uma exclamação de dôr, vibrante, cortando o ar como uma chicotada. Era a engommadeira que, de olhos fixos na carruagem, dizia com indifinivel expressão de piedade e colera.

—Ah! Maria! Maria! que mataste teu pae!

A Rosa Escarlata nem se dignou voltar a cabeça. O cocheiro inglez, teso na almofada, guiava cada vez mais grave, e o pequeno escandalo, avivado pelas phrases picantes dos circumstantes, que tudo tinham percebido n'um relance, vinha quebrar-se esmorecido como as ondas do mar, no costado reluzente do landau.

A' noite, uma mulher elegantissima, na companhia de um medico do *high life*, transpunha a porta da humilde loja da travessa do Açougue e procuravam ambos salvar o aguadeiro da apoplexia cerebral que o atacara. Era a Rosa Escarlata que, supersticiosa como todas as da sua especie, e cedendo ao remorso, passado o momento de detestavel orgulho, correrá para junto da cama do pae. O pobre homem não pôde ser salvo e morreu n'essa mesma noite.

A Rosa fez-lhe um bello enterro e mandou até construir um jazigo; mas quando se tratou de levar a mãe para a sua companhia, esta recusou terminantemente. Viu-se então uma coisa extraordinaria. Esta rapariga tão soberba, coberta de velludo, rendas e diamantes, curvar-se até ao chão beijando as mãos e os sapatos da engommadeira, diante da vizinhança espantada, e implorando como uma graça, o ir a mãe morar na sua companhia.

A mãe foi inabalavel. Erguendo-se docemente do chão, disse-lhe com firmeza.

—Eu sou uma mulher honrada. O meu logar não é em tua casa.

Isto dito por uma mãe, era duro. Era, porém, o unico castigo que podia dar-lhe. A Rosa Escarlata beijando ainda uma vez a mãe, saiu de chofre para não mais voltar. E nunca mais foi vista em Lisboa. Viaja com o banqueiro.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica